

**OS CARTÉIS DE ESCOLA
INTERCONTINENTAIS E BILINGUES**

**FOLHAS SOLTAS DA ESCOLA
Nº 1**

Boletim aperiódico dos Cartéis de Escola do CAO
intercontinentais e bilingues



EPFCL

novembre 2022

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTRIBUÇÕES À JORNADA DO 17 DE SEPTEMBRO DE 2022	
Abertura, Colette Soler (França)	4
1^{ra} mesa: Os efeitos do passe sobre a psicanálise em intensão	
Marc Strauss (França): Isso nunca mais?	5
Gabriel Lombardi (Argentina): O desejar da análise	7
2^a mesa: Os efeitos do passe sobre a Escola	
Ida Freitas (Brasil) Os efeitos do passe na Escola “pensar com os pés”	10
Eliane Pamart (França): Efeito claro-escuro do passe	13
3^a mesa: Os efeitos do passe sobre a psicanálise em extensão	
Beatriz Maya (Colômbia): As migalhas do ato	16
Trinidad Sanchez-Biezma de Lander (Espanha): Uma possibilidade de laço discreto	18
4^a mesa - Mesa redonda: O desejo do analista, seu lugar	
Anaïs Bastide (Bélgica), « O desejo do analista, seu lugar”	21
Sandra Berta (Brasil), Buscar algo novo	22
Nadine Cordova (França), O lugar do laço	24
María Jesús Diaz (Espanha), Uma aproximação ao desejo do analista	25
Patricia Muñoz (ALN), Aporias do desejo do analista	26
Camila Vidal (Espanha), Desejo do analista	27
Encerramento: María de los Angeles Gómez (ALN)	29
CATÁLOGO DOS CARTÉIS DO CAOÉ	30
3 ^{ra} CARTA DE APRESENTAÇÃO DOS CARTÉIS DE ESCOLA INTERCONTINENTAIS E BILINGUES	34

APRESENTAÇÃO

Ao introduzir o cartel em sua Escola, Lacan sempre foi categórico: os produtos não são coletivos, mas próprios de cada um. Em troca, a Escola deve assegurar sua presença no campo das transferências de trabalho. É para isto que essas *Folhas soltas* dos cartéis intercontinentais e bilíngues pretendem contribuir.

Durante os dois anos de seu mandato, o CAOÉ 2020-2022 levou a sério a mensagem que lhe foi dada pelo CIG anterior, que lamentou que esta instância, que supostamente deveria animar e orientar a Escola, ainda não tivesse realmente encontrado sua função. Daí nossa iniciativa de cartéis de Escola intercontinentais e bilíngues que reúnem membros de Escola de dois continentes diferentes e que falam pelo menos duas línguas diferentes. Deve favorecer novos e múltiplos laços para o trabalho sobre psicanálise em intensão na base da Escola.

É uma nova experiência para muitos membros reunir essas diferenças geográficas e linguísticas para pensar a psicanálise e muitos deles já estão felizes com isso. Estas *Folhas soltas* também abrem um espaço para ressonância além dos limites de cada cartel, se possível em toda a Escola.

Esta primeira edição das *Folhas soltas* apresenta, em particular, a Jornada do dia 17 de setembro. A segunda edição incluirá alguns textos escritos para ela. Eles circularão regularmente na lista e serão registradas no site em nossos cinco idiomas. Esta primeira versão em francês será, portanto, rapidamente seguida pelas outras quatro. Uma menção especial deve ser feita aqui para as traduções. Confiamos a cinco colegas a tarefa de montar e gerenciar suas próprias equipes de tradução. Nossos mais calorosos agradecimentos aos responsáveis das equipes, Sidi Askofaré, Diego Mautino, Beatriz Oliveira, Manel Rebollo e Susan Schwarz, que, evitando todas as dificuldades, facilitaram muito o trabalho das duas secretárias da CAOÉ, Sandra Berta para a América e eu mesma para a Europa.

Em 27 de outubro, Colette Soler

A JORNADA DO 17 DE SETEMBRO DE 2022,

PENSAR A PSICANÁLISE NOS CARTÉIS

INTERCONTINENTÁIS E BILINGUES

ABERTURA

Colette Soler (França)

Abrir esta jornada é uma satisfação para mim e dou as boas-vindas a todos vocês. Quero ser breve e direi apenas algumas palavras, condensadas, para situar o quadro de nosso debate de hoje. Está dado, obviamente, pelo nosso programa que distingue os efeitos do passe como dispositivo, nas curas, na Escola e na extensão.

Esses três registros traçam, as três facticidades que Lacan distingue no final da *Proposição*¹, mas estamos tão apegados às palavras de Lacan que não sei se isso foi percebido.

Efeito sobre as análises: não apenas sobre as expectativas analisantes que muitos enfatizam com justeza, mas sobre o ato analítico, o desejo que ele supõe e seus fins. É realmente, como dizemos, o real próprio ao inconsciente que esse passe incita a aspirar?

Efeito sobre a Escola. Com a Escola, a questão que relançamos é de saber em que ela difere de um grupo comum e em que ela se diferencia, por consequência, da comunidade dos fóruns onde ela se aloja. Neste ponto, seria inadequado fazer da "transferência de trabalho" a nossa palavra-chave, porque a transferência de trabalho está em toda parte, antes parece-me que deveríamos nos perguntar como o dispositivo do passe contribui para fazer existir esta diferença.

Por fim, efeito sobre a extensão da psicanálise. Aí acho que algo merece ser esclarecido. É menos a psicanálise em extensão do que na extensão. É o que diz o final da *Proposição*, precisamente. Não é, portanto, que os psicanalistas, e, por exemplo, que os fóruns se multipliquem, mas como a psicanálise se coloca, e mesmo se faz ouvir, nisso que não é a psicanálise, mas o discurso do tempo, com seu real próprio, que não é o dos inconscientes, mas o da ciência.

Vamos, portanto, ouvir hoje alguns produtos dos cartéis de Escola intercontinentais e bilíngues nesses três registros, antes de passar, ao final do dia, aos 6 breves comentários inspirados no parágrafo de Lacan em seu discurso à EFP de 1969, sobre o desejo do analista.

Lacan, J. (1967). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola". In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

Ira mesa

Os efeitos do Passe sobre a psicanálise em intensão

Marc Strauss (França) e Gabriel Lombardi (Argentina)

Coordenador: Mikel Plazaola (Espanha)

Marc Strauss (França)

Cartel: Efeitos do passe sobre a psicanálise em intensão (14 de junho 2021)

Mais-um: Bernard Toboul (França); Chantal Degril (Fórum Nouva Zelandia); Matias Laje (Argentina); Leonardo Pimentel (Brasil); Agnès Metton (França); Marc Strauss (França)

Isso nunca mais?

Com o passe, nós estamos certos de uma coisa: nós não o alcançamos ainda.

Nós não o alcançamos ainda quer dizer que, em que pese nossos esforços, alguma coisa resta-nos sempre incompreensível. Essa incompreensão contamina toda a psicanálise, até seu exercício cotidiano. Com o passe, do trabalho do secretariado às nomeações, passando pelas não-nomeações, nós procuramos em vão a chave de uma lógica que nós postulamos.

Certos, nós todos sabemos que a lógica do não-todo dá um lugar de escolha à chave faltante, mas esta nos dispensa de visar uma coerência que nos garantiria que nós estaríamos na boa via?

Nossa participação no trabalho de Escola é suficiente para mostrar que é importante que pensemos sobre a boa via, aquela do discurso analítico. Nós escolhemos nos inscrever nele decidindo pelo exercício da psicanálise. Mas também, como podemos não nos perder na multiplicidade de pontos de vista teóricos, onde nenhum psicanalista parece encontrar um interlocutor válido a não ser pela invectiva? Nós estamos certos de sustentar os textos fundadores de Freud e Lacan, dois nomes próprios indelévels. Mas nós sabemos também o perigo de uma « fetichização » dos nomes próprios. Lacan a denunciou para aqueles de Freud. No mais, seu ensino não fará oferta de um antídoto, para nos vacinar contra a ritualização? Ele não somente acrescentou seu nome de teórico àquele de Freud, ele acrescentou um dispositivo àquele de Freud: o passe. Esse nome comum, muito comum, se tornou para nós a encruzilhada onde se decidem as alternativas, sem escapatória possível: nomeado ou não. E, claro, as justificativas, de onde quer que venham - cartéis, passantes, passadores - são sempre insuficientes para produzir a lógica dessas decisões, aquela que tornaria a decisão razoável porque compreensível. O passe é o lugar onde se lembra que ninguém escapa à afirmação da certeza antecipada e que, no que diz respeito à verificação, cada um só pode contar com a sorte. O passe é o fracasso em ato do "Evidentemente!", um fracasso deliberado e sempre renovado. É a fonte um tanto turva onde, para cada um do nosso grupo, a questão de seu desejo de ser psicanalista pode se efetivar, em sua prática, em relação ao discurso que afirma sustentar.

Pode-se claro ignorar o passe, considerar que é uma bobagem como o faziam antes de mim e nestes termos o chefe de outro ramo lacaniano, onde de fato o passe não é praticado. Certamente há procedimentos entre esses colegas pelos quais o impasse da seleção é ofensivo,

e podemos ter certeza de uma coisa: ele só pode ser resolvido por procedimentos menos democráticos.

Que ele ainda não esteja lá, é o que o passe lembra ao psicanalista da Escola onde está inscrito. Lembra-o porque ele sabe que, como todo mundo, ele só pede para poder imaginar estar legitimamente e, portanto, tranquilamente em seu lugar. Produzir um psicanalista que nunca tem certeza de não falhar em seu lugar, isso é, a meu ver, o efeito do passe em psicanálise em intensão, do lado psicanalista. Uma certa modéstia, portanto, para resumir, lembrando que há apenas uma análise singular.

Não estar lá ainda é também o que preocupa o analisante. Ele sabe bem que ainda não chegou ao fim de seu esforço para compreender suas condutas e conhecer seus desejos. Ele espera, se não uma revelação, pelo menos uma garantia encontrada na verdade.

É aí que o desejo do analista deve ter se instalado: ele deve se lembrar de que não pode dar essa garantia-verdade a ninguém mais do que a si mesmo. Nem dar, nem o reforçar, nem mesmo apenas autenticá-lo. Nesse ponto, a ignorância do analista deve permanecer total; chamamos isso de modéstia anteriormente. Essa abstenção é a única resposta possível para que dos ditos, de seu esgotamento, surja o “dizer da demanda”. O dizer da demanda, para ilustrá-la, é quando a resposta à pergunta "O que estou fazendo aqui?" começa a se articular com a clareza de uma evidência renovada.

Qual seria então o efeito do passe sobre o analisante, se é claro que ele está ciente do dispositivo e fala sobre isso. Asseguramos que é para ele um ponto de horizonte, e me pergunto se não há uma parte de farsa, para usar o termo de Lacan em sua conferência em Vinatier em 1967, no que é regularmente declinado como os efeitos maravilhosos do passe. É claro que esses argumentos só funcionam para quem quer acreditar neles, até o dia em que... a cumplicidade não pode mais permanecer velada pela inocência. E aí, isso passa... ou isso quebra.

Por isso é preciso ir devagar no passe, cuidar para que não reforce demais nos analisantes a esperança de um dia poder proferir com segurança: "Nunca mais isso!". Obviamente, o isso é único para cada pessoa. Se o analisante se apoiar nessa perspectiva na mesma crença no analista, diante do impossível, ele quebrará ao invés de passar. É melhor que "Nunca mais isso!" tenha perdido seu valor de esperança, que o sujeito tenha chegado ao limite [*bout de son rouleau*] (Lacan), de modo que sua esperança, sua fé nele, finalmente se torna um sintoma, isto é, uma questão: "Por que eu acreditei nessa história?" E por que tanto tempo? Esta formulação é o resultado de uma conversa com Nicolas Bendrihen, cada um de nós contribuiu com uma frase. “Aliás, por que tanto tempo, o que eu procurava com tanta obstinação neste exercício ao qual ninguém me obrigou a não ser eu mesmo?”

O efeito do passe sobre o analisante depende, portanto, do sentido que ele lhe dá: um ideal por vir que ele aspira, ou um deslocamento constatado a posteriori da sua operação e que o faz ver as coisas de maneira bem diferente. O efeito da decepção passou, o que não quer dizer que não existisse, mas sobretudo permanece o fato de ter experimentado, ao longo das suas sessões, na sua consistência, os vestígios que sempre dignificam de que talvez algo tenha passado para nós. Sua série atesta uma realidade que faz o ser de cada um. É melhor que ele encontre satisfação nisso, com o pudor que isso implica. E se, em certas circunstâncias, a carga for pesada demais para suportar, o analista poderá refazer uma pequena volta, que o lembrará de que a escolha do discurso analítico não é a do drama.

Obrigado pela sua atenção.

Gabriel Lombardi (Buenos Aires)

Cartel: Colocando a noção de *lalíngua* em perspectiva com os outros níveis da linguagem inconsciente. Questionamento sobre sua conceituação e seus efeitos nas curas (4 de setembro 2021)

Mais-um: Zehra Eryörük (Bélgica / Turquia); Léla Chickhani (Líbano); Gabriel Lombardi (Argentina); Ana Laura Prates (Brasil); Bernard Toboul (França)

O desejar da análise

Participo de um cartel internacional com Léla Chickhani, Ana Laura Prates, Bernard Toboul e Zehra Eryörük (mais-um). Nosso tema geral: *Colocação em perspectiva da noção de lalíngua com os outros níveis da linguagem inconsciente. Questionamento sobre sua conceituação e seus efeitos no tratamento*. Esses níveis são *a gramática*, que limita através da escrita e do juízo comunitário o leque de sentidos de *lalíngua* (*Télévision*); a *lógica*, sem a qual a interpretação seria imbecil, sem base (*L'étourdit*); e o *discurso*, constituído pelos elementos e efeitos da linguagem que servem aos propósitos de constituir o vínculo social.

Que relações encontro com o tema proposto para esta mesa, *os efeitos do passe na psicanálise em intensão*? Muitos, eu tento hoje articular alguns a partir da gramática. É onde são constituídos as pulsões freudianas e os seus destinos (Freud, *Triebe und Triebchiksale*), e o sintoma como uma verdadeira parada que, no entanto, mente ao *partenaire* "até que sua mola pseudo-sexual seja analisada", sob as formas de neurose, perversão e psicose ("*Eu não amo o homem, ela o ama*" etc., cf. Lacan, *Televisão*).

Para definir o ato analítico, Lacan explica que o ato ocorre a partir de um *dizer* cujo sujeito muda. É a definição da diátese média que a gramática sempre conheceu. Nela, o sujeito não é o agente da ação nem apenas seu objeto passivo. O *loquor* ("eu digo"), do latim, é ação na qual o sujeito se transforma, ao contrário de sua mera representação (Benveniste, *Actif et moyen dans le verbe*).

Bem, quem chega em uma análise, faz isso precisamente porque não está em posição de se situar nesse ponto eletivo e transformador da diátese média que é a voz do ato. Inibido, angustiado ou sintomático, o paciente "quer dizer", talvez, mas não se decide, não diz ou desdiz. Daí o interesse do método freudiano, com o qual se oferece ao sofredor a possibilidade de explorar as modalidades do subjuntivo, do optativo, do condicional, sem um dizer assertivo decidido. Instalado o tratamento, substitui o dizer por uma palavra que se expressa nas variantes modais da demanda: "Necessito que...", "é possível que...", "é impossível que..."; às vezes, contingente, deixa de ser impossível, mas na hora errada; "Eu quero, mas não posso", "você sim pode me dar, então eu te peço que..." etc.

O título *O desejar da análise* me permite refletir sobre o *infinitivo* promovido por Lacan em seu *Discurso na EFP*. O que caracteriza o infinitivo nas cinco línguas da nossa Escola é que ele não é definido por morfemas de pessoa, número, tempo, diátese nem modalidade. Indeterminado nesses aspectos, não é propriamente um verbo, mas apenas o nome de um verbo, ele nunca cumpre a função do núcleo verbal de um enunciado. Em outras épocas, talvez menos neuróticas, o verbo era designado pela primeira pessoa do presente indicativo. Em *Structure des relations d'auxiliarité*, Benveniste explica que o verbo agora é designado pelo infinitivo em que as marcas de pessoa (primeiro, segundo, terceiro, singular ou plural), de diátese (passiva, média ou ativa) podem ser adicionadas através de verbos "auxiliares" – literalmente "que dão prazer" (*iuveo*, em latim) ao infinitivo, que o ajudam a se expressar -.

O desejar da análise, sintagma com verbo no infinitivo, é realmente compatível com o que Lacan chama de destituição do sujeito, mas não mais naquela voz média que transforma o

sujeito diretamente, mas no ato analítico em sua peculiaridade, onde o ato e o sujeito se produzem em corpos separados. Essa destituição é diferente de um "eu desejo", mesmo de um desejo especificado como "do psicanalista". A destituição ou destitulação subjetiva é um efeito de ser que não carrega a marca de primeira pessoa, não é um "eu forte", mas um efeito de "ser forte, e singularmente" (*Discurso na EFP*). Essa destituição é condição dos pagamentos exigidos pelo desejar da análise (Lacan, *Direção do tratamento e os princípios de seu poder*): o pagamento da pessoa do psicanalista para manobrar na transferência e o pagamento de seu juízo íntimo para substituir a teleologia religiosa ou terapêutica pelo desejo que orienta o tratamento analítico. Essa destituição também habilita o pagamento através da interpretação, um meio dizer, sim, mas apofântico (*O Aturdito*), sem marcas de modalidade.

É o analisante que provê, aos infinitivos do desejo da análise, o auxílio que "dá prazer" que especifica em modalidades de futuro duvidoso.

Como consequência da minha experiência pessoal de passe no final da minha última análise, localizo um efeito específico dessa destituição. É um efeito de alívio e às vezes também de inspiração.

Na manhã anterior à escrita deste texto, ainda sob a influência de uma obra de Shakespeare, sonhei que falava em "*spanGLISH*" e tentava dar significado gramatical a uma frase obscura, que, no entanto, me pareceu de algum valor. O que pude reconstruir ao acordar foi o enunciado:

The nature of the concern is the concern of nature, in which there is no concern.
(La nature du souci est le souci de la nature, dans laquelle il n'y a pas de souci)²

Esse "no concern", sem preocupação, sem prevenção, sem cuidado, um certo "sans souci", é a minha saída (*issue*) de uma atividade cogitativa quase permanente cujos efeitos somáticos me distraem do laço social. Essa saída, cada vez, abre para mim a possibilidade de escutar e intervir de outra forma. O significante que traz o analisante torna-se equívoco, os enunciados revelam sua mola pseudo-sexual em que o gênero gramatical mente ao *partenaire*, simulando suplantar a lógica do sexo; e, na polifonia do discurso, também percebo que o analisante não só tem razão, mas também razões, múltiplas, contraditórias entre si, com as quais argumenta, como no caso do caldeirão furado, relatado por Freud, atacando a consistência lógica do sistema.

Ao contrário de outros colegas, que geralmente se apresentam como psicanalistas puros, "passados" de uma vez por todas, minha posição é sim de oscilação entre analista e analisante. O que não impede, ao contrário, de garantir o andamento das análises em meu encargo, graças a essa destituição subjetiva apreendida no final da "minha" análise, quando o "desejar da análise" abriu outro destino para a pulsão invocante – pela qual escutar e dizer são energeticamente realizáveis, em ato -.

O passe não é o fim da análise, mas um verdadeiro começo, cada vez, com outro analisante.

Este texto é consecutivo a outro, que li em jornadas de cartéis da ALS anteriores, o qual chamei de "O psicanalista puro e o analista analisante", onde oponho, à estática do psicanalista hipnotizado por uma fantasia, a dinâmica da transferência iluminada por Lacan em sua *Proposição 9 outubro*: a transferência como pivô da oscilação entre analisante e analista na forma de um tango final entre o sujeito \$ e o objeto a.

² "A natureza da preocupação é a preocupação da natureza, na qual não há preocupação"

Nota do tradutor: essa frase não está traduzida ao espanhol pelo autor, por isso optamos por deixar em inglês e francês no texto tal como no original e colocar a tradução em português como nota de rodapé.

Por outro lado, este texto precede outro que lerei em Salta no dia 4 de novembro, em outra jornada de cartéis da ALS, que chamarei de "A sensibilidade gramatical do sujeito do inconsciente".

2da mesa

Os efeitos do passe sobre a Escola,

Ida Freitas (Brasil) e Eliane Pamart (França)

Coordenadora: Julieta De Battista (Argentina)

Ida Freitas (Brasil)

Cartel: Corpus (20 de março 2022)

Mais-um: Ida Batista de Freitas (Brasil), Esther Jiménez (Espanha), Alejandro Rostagnotto, (Argentina), Franc Estevez Roca (Espanha), Maria Cláudia Formigoni (Brasil)

Os efeitos do passe na Escola: “Pensar com os pés”

Para iniciar, me parece importante apresentar o cartel intercontinental de que tenho a alegria e a grande satisfação em participar. Tem sido uma experiencia notável e inédita para mim que, até aqui em nossa Escola, só havia estado em cartéis com membros de meu Fórum, o Fórum Salvador, e com colegas da EPFCL – Brasil.

Participo de dois cartéis intercontinentais, o primeiro a ser foi constituído está composto por Adriana Grosmann, Andrea Milagres, ambas colegas da EPFCL – Brasil, Pedro Pablo Arévalo, de Barcelona, Patricia Muñoz, da Venezuela e eu como mais um. Estamos refletindo e debatendo sobre a Formação do Analista e elegemos como referência o livro da Dominique Fingermann (2016), *A (de)formação do psicanalista*, que estamos seguindo na leitura capítulo a capítulo.

Este cartel tem peculiar composição, visto que participam quatro cartelizantes que já foram nomeados AE e cumpriram, por três anos, sua função de transmissão à Escola, além de mim, que já estive próxima ao dispositivo do passe em funções distintas. Isso me coloca numa posição de extimidade aos demais, funcionando como mais um que, de certa maneira, descompleta o cartel. Logo, devido a seu tema e composição, as discussões ocorridas neste cartel me orientaram bastante para pensar o título proposto pelo CAOÉ para esta mesa: “Os efeitos do passe na Escola.”

Parto da “Proposição de 1967” de Lacan para o passe e do reboliço causado na comunidade analítica pela subversão provocada naquilo que se ofertava como garantia ao analista até então. Propondo a autorização como consequente da análise do analista, que se autoriza de si mesmo, apontando para a participação do real na formação do analista e marcando a necessária distinção entre hierarquia e *gradus*, Lacan situa o passe como o dispositivo de verificação da formação dos analistas de sua época e das gerações que lhe sucederam.

Com disfuncionais e obscenas experiências anteriores, aprendemos como não funcionar, o que não repetir, aprendemos com os maus efeitos e aqui estamos nós nos perguntando quais efeitos do passe em nossa contraexperiência, após 21 anos de seu efetivo funcionamento em nossa comunidade. Refletir sobre os efeitos do passe é “colocar à prova o uso que fazemos do discurso analítico” (LACAN, 2003[1973], p.311).

Enquanto tributários da “Proposição de 67”, considerando que uma Escola que se orienta pelo ensino de Lacan tem, em seu centro, o cartel e o passe, tentando “fazer melhor”, reformular as experiências passadas, seguimos ofertando o dispositivo do passe para a garantia dos analistas que nele se arrisquem e desejem testemunhar de suas análises, colocá-las à prova, sem garantia de nomeação.

Já como membro da IF–EPFCL desde sua iniciativa e origem, porém ainda sensível à experiência anterior, confesso que a princípio olhei para a instalação do passe nessa Escola com muita prudência e certa desconfiança. E foi justamente por verificar e confirmar, pouco a pouco, os efeitos do passe em nossa comunidade, que foi possível dar crédito, me abrir para uma visão sem preconceitos e me permitir escutar, ser tocada, querer saber e aprender com os efeitos do dispositivo do passe em funcionamento em nossa Escola.

A experiência atual, desde seu início, a meu ver, vem demonstrando o uso e a aplicação ética do dispositivo do passe que, a cada vez, convoca os membros da Escola, desde o secretariado até o cartel, para a participação e disposição a um trabalho que não acontece sem que cada um coloque algo de si, seu corpo, sua ignorância e saber adquirido em sua análise, assim como o extraído de sua clínica e teoria sobre o passe, sobre o final de análise, as condições do ato, enfim, para que a decisão final, responsabilidade do cartel do passe, esteja bem fundamentada na doutrina elaborada até aqui, mas conservando a abertura para se deparar e aprender com o novo.

Os efeitos do passe na Escola são múltiplos, efeitos que movimentam, fazem barulho, acordam, assustam, alegram, inquietam, causam o desejo, fazem laço, mas às vezes indignação.

Provavelmente, irei repetir o que tantos já sabem e acompanham, porém, para mim, foi importante fazer este reconhecimento dos efeitos do passe, e não poderia ser de outra forma, senão, a partir de minha perspectiva, daquilo que se destaca para mim até esse momento.

Começo pelo viés epistêmico, talvez seja o efeito mais evidente e material, este ganho de saber sobre a análise, de seus momentos cruciais, viradas, reviravoltas, decisões, ato, saber, conteúdo de tamanha importância registrado nas *Wunsch*, já estamos na 22, onde encontramos uma nova literatura psicanalítica, de sua experiência vivida, que orbita em torno do passe e seus diversos desdobramentos.

O viés epistêmico tem grande alcance, atingindo todos os envolvidos no dispositivo do passe e, mais ainda, toda a comunidade de experiência, comunidade da Escola.

A começar pelo AME, que deve estar não só atento, mas sensível a seus analisandos que se aproximam da passagem analisante – analista para que possa indicar passadores mais próximos à altura de sua função, indicar um passador é da ordem do ato analítico. Isso implica estar orientado em direção ao sentido real, estar habilitado a manejar os signos da passagem, dessa virada topológica, dominar de certa forma a doutrina do final de análise proposta por Lacan e elaborada pelos cartéis do passe.

Para passadores, o ganho epistêmico é incomensurável e vivenciado de forma distinta para cada passador. Em primeiro lugar, porque é uma surpresa, indicação sem aviso, que desconcerta, interroga, aponta algo de seu percurso analítico; em segundo, pelo ineditismo de sua função, pois não há como se desenvolver uma práxis da função passador, que acontece num momento bem específico num tempo breve e efêmero, que impõe uma urgência em saber se virar nesse lugar, o que pode causar o desejo, entusiasmar, mas também angustiar, amedrontar. E tudo isso retorna de alguma forma para a análise de cada passador como um acréscimo de saber, assim como pode vir a produzir uma mudança em seu engajamento na Escola. Escutar o testemunho de um passante, transmitir com sua voz o que se recortou do ouvido, ao cartel do passe, não poucas vezes leva o passador ao ato de demandar o passe.

Para o passante que escolhe estar aí, é um exercício, a princípio, de releitura do que pode ler de seu inconsciente em sua análise, a hystorização disso, o recorte do que se demonstrou como essencial, sua lógica, sua equação. Ao visar transmitir o saber conquistado até o limite do

impossível, um novo saber se delineia a partir da posição de “tornar-se analista de sua própria experiência” (LACAN, 2003[1967], p.248), experiência única que define, faz borda, dá um contorno mais nítido à finitude de seu percurso; sua estrutura, real, simbólico e imaginário enlaçados pelo sintoma, o nó próprio a cada Um, pode fazer mostração no passe.

Esse saber se amplia, se desdobra, se recria, se “transcria” (como propunha Walter Benjamin em seu trabalho de tradução), mas também se teoriza o decantado, o chorume dos passantes nomeados Analistas da Escola – elaboração de saber que se objetiva mais sistemática e transmissão do singular de sua análise a toda a comunidade de Escola.

Quanto ao Cartel do passe, de cada um de seus membros é esperada sensibilidade para, num primeiro tempo, captar, capturar o inaudito, o intransmissível, e, num segundo, depois de “deduzir dos testemunhos o lugar do dizer esquecido, e como isso se manifesta no além da hystorização de uma análise” (FINGERMANN, 2016, p.107), poder deliberar se há Analista da Escola ou não. A partir desse trabalho nuclear do cartel do passe, advirão, assim eu acompanho, as questões de cada um para elaboração e produto.

Como então não reconhecer o quanto desse intenso movimento, esse “pensar com os pés” (LACAN, 2003[1973], p.311), “pensamento prático orientado em direção à ação e não às elucubrações”³, como propõe Soler (2018 [2007-2008], p.27), que produz atualidade, frescor, retorna para a Escola como um verdadeiro turbilhão que afeta a cada um dos dispersos disparatados que a compõem e, ainda, aos participantes de nossos colégios clínicos, formações clínicas, que podem ficar curiosos, intrigados, inquietos com o que transmitimos a partir do dispositivo do passe?

Concluo com os efeitos na Escola produzidos pela nomeação, como refere Lacan (2003[1961-62], p.107), nomeação enquanto a “leitura do traço unário que designa a diferença absoluta”. Esses também são efeitos diversos e nem sempre os melhores. Efeitos que podem atestar o real em jogo na formação do analista, produzir satisfação em muitos, por mais uma demonstração de que a aposta na psicanálise pode de fato produzir trans-formações, produzir um analista, causar o desejo de passar pela experiência do passe, no entanto não estamos dispensados dos efeitos imaginários, deduções apressadas ou, até mesmo, certa idealização do passe, em consequência de outra idealização que corresponde ao final de análise.

Críticas, perguntas, avaliações são sempre muito bem vindas à psicanálise, à Escola, a seus dispositivos, suas instâncias e, até onde consigo perceber e avaliar, a EPFCL está bastante atenta a favorecer o debate com a finalidade de operar as mudanças necessárias para um funcionamento responsável, ético, congruente com os princípios que nos orientam para não perdermos a bússola. Furos, falhas, descontinuidades e retomadas são parte essencial desse fazer, desse caminhar, do se equilibrar em corda bamba.

Engajar-se na Escola, participar de suas instâncias me parece ser a melhor maneira de poder tecer uma crítica a partir do fazer, do trabalho, e talvez seja este um dos interessantes efeitos do passe, conhecer a Escola desde seu interior.

Considero, no entanto, o efeito fundamental para a Escola e formação de seus analistas, o que do passe pode retornar para cada analisante, analista praticante ou AME, como pergunta às suas análises em processo ou concluídas e ao saber fazer na clínica de cada um. Talvez o melhor efeito do passe seja fazer furo no saber e, em consequência, despertar o desejo de saber fazer, de orientar, vetorizar as análises para o real, porque “é preciso levar em conta o real [...] aquilo que se destaca de nossa experiência de saber” (LACAN, 2003[1973], p.312). Efeito do passe que por evidenciar o discurso analítico, pode “fundar um laço social purgado de qualquer necessidade de grupo” (LACAN, 2003 [1972], p.475) o que contribui essencialmente para distinguir um grupo qualquer com seus efeitos de “obscenidade imaginária ao efeito de discurso” (LACAN, 2003 [1972], p.475), da Escola.

³ Tradução livre.

Referências

FINGERMANN, Dominique. *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2016.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 9: a identificação [1961-1962]*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LACAN, Jacques. O aturdido [1972]. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

LACAN, Jacques. Nota italiana [1973]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 311-315.

SOLER, C. *Comentario de la Nota Italiana de Jacques Lacan: Curso 2007-2008*. Medellín: AFCLM, 2018.

Eliane Pamart (França)

Cartel: Transmissón / Transmisió n / Transmissã o (18 de junho 2021)

Beatriz Oliveira (Brasil), Beatriz Maya (Colômbia), Eliane Pamart (França), Tatiana Assadi (Brasil) **Mais-um** : Dominique Touchon Fingermann (Brasil e França)

Efeito claro-obsuro do de la passe

Como abordar os efeitos possíveis do passe sobre a Escola, sabendo que o passe e a Escola são solidários desde que surgiram na *Proposição*⁴ de Lacan em 1967?

Neste primeiro texto, ele elabora os princípios de base apresentando de imediato o dispositivo do passe. Ele considera necessário estabelecer esse procedimento para combater os problemas de hierarquia que até então teriam dificultado as sociedades psicanalíticas como a IPA de Freud, mas também a SPP da qual ele era membro.

Freud já havia proposto a hipótese de uma Escola para garantir a formação dos analistas em seu texto *A questão da análise leiga* de 1926⁵.

No *Prefácio à edição inglesa do Seminário XI* de 1976⁶, ou seja, 9 anos depois, último texto sobre o passe, Lacan confirma a função desse dispositivo e afina suas finalidades.

Seu primeiro texto designa, sob o nome de Escola, esse ajuntamento de analistas e postula que "o analista só se autoriza de si mesmo"⁷, em troca, a Escola garante "que um analista depende de sua formação"⁸. A Escola de Lacan articula-se em torno desses dois princípios,

⁴ Lacan, J. (1967). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola". In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

⁵ Freud, S. (1926). "A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial (1926)". In *Obras completas*, volume 17, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

⁶ Lacan, J. "Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*". In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

⁷ Lacan, J. (1967). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola". In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 248.

⁸ *Ibid.* p. 248.

fazendo do passe o dispositivo que vem verificar a efetuação, tornando-se o centro agalmático de uma formação de orientação lacaniana.

Ao postular que o analista só se autoriza de si mesmo, ele elimina qualquer recurso a um Outro que garantiria essa passagem à analista, deixando-lhe a responsabilidade de um ato vertiginoso na mais profunda solidão.

O passe capta os efeitos do ato analítico que permite a emergência do desejo do analista, dissipando "a sombra espessa"⁹.

Lacan escreve ainda em sua proposição: "Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa à psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar"¹⁰.

Ele exortou essa coleta de experiência e esperava dela uma doutrina a partir do testemunho dos passantes: "uma acumulação da experiência, sua coleta e sua elaboração, uma seriação de sua variedade, uma notação de seus graus"¹¹.

Em 1975¹², na conferência de Genebra, ele volta às razões pelas quais estabeleceu seu dispositivo.

"No espírito de minha Proposição", escreve ele, "esta operação é feita para aclarar o que acontece nesse momento"¹³, este momento de passagem de analisante à analista, ou seja, "para aqueles que se querem analistas" e querem testemunhar diante do cartel do passe. Ele interroga a composição deste júri bem como a sua escuta potencial, justificando a função do passador que ele designará como sendo o próprio passe por esta função de nó entre passante e cartel do passe e a sua proximidade com a posição analisante do passante. Se um encontrou sua saída, o outro ainda a está procurando.

Ele apela ao processo de identificação de massa de Freud para alertar os analistas sobre sua escolha.

A propósito dos depoimentos coletados nesse contexto, Lacan nos lembra, citando Freud, de não colocar um caso antecipadamente numa categoria. "Gostaria que escutássemos, com total independência a respeito de todos os conhecimentos adquiridos por nós, que sentíssemos o que temos a ver, a saber, a particularidade do caso"¹⁴. Além disso, ele diz: "é claro que não podemos varrer com o que é nossa experiência"¹⁵ e acrescenta que, se isso fosse compreendido, talvez houvesse um outro modo de intervenção.

A função do passador é, portanto, instituída para contrariar esses fenômenos de identificação, de classificação de casos, fazendo-se o porta-voz do passante junto ao cartel do passe. Mas como testemunhar um real que não cessa de não se escrever? Lê-lo no que se ouve de resto de um dizer diante de um cartel instituído sem um saber, sobre um saber pré-estabelecido?

Lacan optou por lhe opor um obstáculo suplementar onde passante e cartel nunca se encontram durante o processo. "Eu quis que alguém que está no mesmo nível que aquele que ultrapassa essa passagem, dê seu testemunho"¹⁶. Para Lacan, sem dúvida, o passe é instaurado para iluminar a Escola nessa passagem ao analista.

⁹ *Ibid.*, p. 258.

¹⁰ *Ibid.*, p. 258.

¹¹ *Ibid.*, p. 261.

¹² Lacan, J. (1975). "Conferência de Genebra sobre o sintoma". Disponível em: <https://campopsicanalitico.com.br/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma/>. em francês foi publicado na Revista *Le Bloc-Notes de la Psychanalyse*, no. 5, 1985, p. 5-23].

¹³ *Ibid.*, p. 5.

¹⁴ *Ibid.*, p. 5.

¹⁵ *Ibid.*, p. 5.

¹⁶ *Ibid.*, p. 5.

No entanto, apesar desse dispositivo, ele constata que isso “se transformou em outro modo de seleção”¹⁷ diante dos passantes que testemunham com “toda honestidade”¹⁸. Se essa experiência é exigível para a transmissão da psicanálise, as escolhas de nomeações dependem das contingências e da ressonância do cartel. A Escola não escapa dos efeitos de grupo e de sua doxa e não podemos excluir esse fenômeno de identificação no que se ouve de um passe vindo pontuar a decisão. Por que tão poucas nomeações em nossa Escola?

Como lançar luz [*éclairer*] sobre o que não passou? Isso que resta de mal-entendido, ou mesmo não ouvido? Isso que não ressoou nas bordas desse furo que constitui o passe na Escola? Como testemunhar esse enigma?

Lacan falou da honestidade do testemunho, Colette Soler falou recentemente de um testemunho “autêntico” produzindo um AE. Mas o que acontece com os não-nomeados?

Assim como Freud, Lacan quis “historizar”¹⁹ a psicanálise ao demonstrar os efeitos do ato analítico dos quais o passe testemunharia no cerne da Escola, suscitando a posição analisante dos seus analistas. Esses efeitos seriam um questionamento permanente sobre a prática analítica tal como o provérbio: “reponha sua obra vinte vezes sobre a mesa de trabalho”²⁰. O efeito claro-oscuro do passe poderia fazer Escola, a questão é exigível para suportar o status de uma nova profissão no mundo.

¹⁷ *Ibid.*, p. 5.

¹⁸ *Ibid.*, p. 5

¹⁹ [*Hystoriser*]. Lacan, J. (1967). “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 568.

²⁰ “*Vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage*». Frase escrita por Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711) na obra prima “A arte poética”. Ver: Boileau-Despréaux, N. *A arte poética*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 20.

3ra mesa: Os efeitos do Passe sobre a psicanálise em extensão,

Beatriz Maya (ALN) t Trinidad Sanchez Biesma de Lander (Espanha)

Coordenadora: Sandra Berta (Brasil)

Beatriz Maya (Colômbia)

Cartel: Transmission / Transmisión / Transmissão (18 de junho 2021)

Mais-um: Dominique Touchon Fingermann (França e Brasil) Beatriz Oliveira (Brasil), Beatriz Maya (Colômbia), Eliane Pamart (França), Tatiana Assadi (Brasil)

As migalhas do ato

O presente texto é produto de dois cartéis do CAOÉ. O trabalho apresentado na jornada anterior cujo tema foi o estilo, deixou uma inquietude que pretendo desdobrar. Por outro lado, o outro cartel, cujo tema é a intensão, está como pano de fundo de todo desenvolvimento.

Para sustentar a Escola não basta a intensão, ela requer a extensão; o passe é uma boa dobradiça para articulá-los. Ali se trata de dar conta do salto que se deu para ocupar o lugar de analista como objeto *a*; de um antes e um depois que tem consequências¹, o que implica passar da intensão à transmissão e daí à extensão.

Assim, intensão e extensão é uma dupla acoplada pelo vazio que evidencia o passe e que escrevemos *a*. É notório o estilo de quem toma a palavra quando ela está respaldada pela experiência no dispositivo. Quando digo estilo, me refiro a dois assuntos que agrega Lacan a Buffon que diz: “o estilo é o homem”² fórmula prolongada por Lacan desta maneira: “o homem a quem nos endereçamos”³ incluindo o Outro na mensagem e agregando: “é o objeto que responde à pergunta sobre o estilo” estando em jogo “a queda desse objeto”⁴. Não é suficiente sustentar esta hipótese a partir da evidência, haveríamos de pensar o que existe aí de estrutural.

O *Aturdito* parte de *migalhas*⁵ para uma extensão na qual o dito e o dizer são postos em jogo. Trata-se também de migalhas o que recolhem os passadores para a transmissão ao cartel, as mesmas que continuarão operando para a extensão. Para que isto passe, como não se referir ao que seria um salto⁶ tal como Lacan nomeia o passe a analista, tanto na relação analisante-analista, como no cartel do passe? É necessário que a *historização*⁷ não seja somente a via para escutar “o que há”, trata-se de implicar o Dizer, no “não há” do Dito⁸. É a experiência do *ab-senso* que surge o impulso para a transmissão.

1 Lacan, J. Seminário XV *O ato analítico*. Lição de 21 de fevereiro de 1968.

2 Lacan, J. Abertura desta coletânea. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.9

3 Ibid.

4 Idem, p.11

5 Lacan, J. *O aturdito*. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.448

6 Lacan, J. Seminário XV *O ato analítico*. Lição de 21 de fevereiro de 1968.

7 [Hystoriser]. Lacan, J. (1967). “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 568.

8 Lacan, J. *O aturdito*. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.454

“Que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e o analista que, a esses efeitos, os teoriza.”⁹ diz Lacan. O analista que se dá conta de seu passo no dispositivo do passe é um, efeito da intensão que se oferece ao passe, e, o outro é o que se propõe a fazer extensão do ato, o que tenta responder a partir desse ato. É assim que entendo que Lacan diga “*se há alguém que passa passando o passe, esse sou eu*”¹⁰, o mesmo que se espera de quem tenha passado pela experiência.

O passe pôde deixar em passadores, passantes, membros do cartel, um saber incompleto porque não há o significante último; um impossível a dizer empurra sempre à produção, é o motor para a extensão. As perguntas conduzem a uma busca de resposta na formalização que leva a um trabalho de extensão e de formação permanentes; um esforço de transmitir o intransmissível da psicanálise. Algo do lado do ato se reatualiza cada vez que se toma a palavra para fazer existir a psicanálise.

Como uma experiência que “não se pode esquecer”¹¹, como indica Lacan, no que se refere ao passante, não vá constituir-se na mola da extensão, a partir de “um certo setor de sombras”¹² que cobrem também os demais participantes da experiência? O próprio Lacan o esperava do juri de confirmação quando diz: “me limito a esperar o que resultará disso efetivamente, incluindo um modo bem diferente de recolher o testemunho”¹³ Espera os efeitos que o passe pode deixar, incluindo as deteriorações, devastações ou estragos (degât) com os quais ele mesmo faz sua transmissão.¹⁴ O selo, a marca que o passe deixa se vislumbra na intervenção daqueles que tratam de dizer algo depois.

Assim então, a extensão não é sem o respaldo do ato que, de distintas maneiras, permitiu chegar ao passe. Não é necessário voltar a contar a história para captar que as palavras trazem o eco de uma experiência. Cada um retorna inevitavelmente a terrenos conhecidos de onde o real do sintoma emerge, mas agora não como impotência senão contando com a impossibilidade que se verifica naquilo que sempre estará interrogando, sendo este o dinamismo do trabalho.

Um texto escrito, que renova os ditos de Lacan e Freud, é o resultado de uma inquietude que faz traço da mesma coisa que se quer cercar por distintos caminhos.

O estilo então está em jogo na extensão; tal como disse anteriormente, se é o objeto o que responde pelo estilo, causa de desejo e sustentando o sujeito entre verdade e saber¹⁵, não poderia ser de outro lugar senão dali, de onde se faz uma transmissão que conta com a recepção do Outro, com o que ressoa no destinatário, mas além da significação.

Lacan afirma que o que ele escreveu, ainda que não se entenda muito bem, *prende*¹⁶. Pergunto-me a respeito disso que prende; não é apenas uma curiosidade intelectual, existe algo do íntimo que colide com isso escrito, deixando localizar o singular dissidente que nos situa por fora e nos retira da ideia de ser um paradigma. Sempre se trata de um recomeçar a partir de migalhas que permitem que o passe seja fundamento para que se consiga uma extensão da psicanálise.

Os cruzamentos transferenciais, não por acaso, em um dos cartéis dos quais falo aqui, dinamizam a possibilidade de articular os dois lados da experiência: intensão e extensão. Uma certa comunidade íntima permite que o trabalho avance, que a pergunta se mantenha para ir e vir em um ensino como o de Lacan. O desacordo não é tropeço, as diferentes posições se expõem para ser discutidas, ainda que não se trate de convencer o outro, justamente, a disparidade permite uma releitura do que se crê já conhecido.

9 Lacan, J. Seminário XXII RSI. Lição de 10 de dezembro de 1974. Inédito.

10 Lacan, J. Sobre a experiência do passe. In: *Ornicar*, Espanha, 1981, p.39

11 Ibid. p.36

12 Ibid.

13 Ibid. p.38

14 Ibid. p.39

15 Lacan, J. Abertura desta coletânea. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.p.11

16 Lacan, J. Meu ensino, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p.71

Na *Proposição* Lacan traça “a topologia do plano projetivo”, para enodar a extensão e a intensão com uma hiância¹⁷ que não só alude àquela que a análise descobre em cada um, mas também ao que falta aos analistas para continuar pensando a psicanálise.

Trinidad Sanchez-Biezma de Lander (Espanha)

Cartel: Não há extensão sem intensão (21 de junho 2021)

Mais-um: Trinidad Sánchez-Biezma de Lander (Espanha), María Jesús Díaz (Espanha), Carmen Lafuente (Espanha), Beatriz Maya (Colômbia), Andrea Franco Milagres (Brasil)

O cartel: uma possibilidade de laço discreto

Hoje, me interessa, no trabalho sobre o cartel, a possível transmissão que se produz no seio desse pequeno grupo e o vínculo gerado, depois da surpresa como efeito do transmitido. Não é conhecimento, e sim dar conta daquilo que o causa; é pois um saber que não se ensina, mas que se transmite. Lacan afirma que sua escolha pela psicanálise a transmite ainda que contra os analistas, o mesmo feito por Freud que, a partir a solidão, deu conta de sua escolha, em meio à comunidade que havia criado.

A partir dessa proposição, seria possível pensar o cartel como lugar no qual se recolhem, em seu produto, as migalhas dos textos de psicanálise que aborda, mas também da elaboração que reúne dos dizeres dos outros. *O dizer não é a voz, o dizer é um ato* (Lacan, RSI).

Quando, depois de uma decisão do CIG atual de formar cartéis intercontinentais, pensei em formar um deles com certos nomes e vínculos de trabalho antigos. Apenas um nome, que embora coincidia com as duas condições necessárias para compor o cartel: outra língua, outro continente; era uma pessoa que *não conhecia de nada*, tinha somente lido um pequeno trabalho dela publicado há tempo.

Esse *não conhecê-la de nada* era um requisito que se me impunha, sem levar muito em conta e sem saber até que ponto essa condição poderia causar afetos que reconheço como novos e dos quais posso falar hoje. A essa percepção desse vínculo novo, dei o nome, intimamente, de o melhor que me aconteceu em Buenos Aires, tanto que me fez trabalhar acerca de qual índole era esse laço e por que, ou como, se criou.

A pergunta poderia ter ficado à deriva como tantas outras, subsumida entre as coisas da vida, mas uma contingência a colocou novamente em primeiro plano: um pedido para apresentar uma pequena contribuição à Jornada de hoje a fez trabalhar. E como à Ocasão, empregada pobre da Fortuna, é preciso agarrá-la pela calva¹, essa contingência fez retomar aquilo que nunca deixei de me perguntar: como se causa este vínculo novo, produto do cartel? Que difere de ser um: “*todos a una Fuente Ovejuna*”².

17 Lacan, J. *Proposição* de 9 de outubro de 1967. In *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p.261

1 (NT) Ocasão e Fortuna são duas figuras de *La Fortuna con seso y la hora de todos*, obra literária de Francisco de Quevedo (vide nota da autora ao final do texto). “Agarrar a ocasião pela calva” é a tradução do ditado popular “La Ocasión la pintan calva”, que significa não desperdiçar as oportunidades.

2 *Lope en Fuenteovejuna*: A obra se baseia em um acontecimento em Fuente Ovejuna, um povoado andaluz. O Comendador do povoado não respeita as leis e abusa de seu poder; acossa a filha do prefeito e tenta levá-la, à força, a seu palácio. O povo, cansado dos roubos, atropelos e crueldades do Comendador, decide se unir

É, entretanto, indispensável que o analista seja no mínimo dois: o analista para ter efeitos e o analista que teoriza esses efeitos (Lacan, RSI).

Sabemos por Freud desde “Psicologia das massas...” que para constituir um grupo é preciso que haja sujeitos identificados e, Lacan, como pode ser lido em “O Aturdido”, apesar de saber que é impossível que os analistas formem grupo, que esses dispersos dispartados se agrupem, convida a formar cartéis, pequenos grupos em que se elabora um trabalho da Escola.

No Seminário RSI, aula de 15/04/1975, na qual Lacan afirma que o cartel deve estar identificado a um ponto particular do grupo – mas não deixa claro qual –, apresenta-o justamente no momento em que está trabalhando o furo do nó borromeano, nó que permite manter unidos real, simbólico e imaginário. O que Lacan propõe aí, a meu entender, é identificar o cartel ao objeto (a) enquanto furo vazio. *É certo que os seres humanos se identificam a um grupo. Quando não o fazem, estão perdidos, eles têm que ser encerrados. Mas não digo a qual ponto do grupo devem se identificar.* Colette Soler trabalha essa frase em “O que faz laço?” e se detém em: *eles têm*, como um dever, para em seguida dizer que o *universal difícil*, conforme Jean Claude Milner, não jaz sobre a mesmidade dos elementos de uma mesma classe, e sim sobre as diferenças.

O furo permite a função exercida por Sócrates, na qual, a partir da falta de saber que marca sua divisão como sujeito, pode reconduzir as perguntas a outros até obter o resultado desejado em termos de saber. De qualquer forma, seja desde a posição de (a), vazio que está no centro do nó, seja desde o lugar do sujeito dividido da falta, os cartelizantes, ao se identificarem a esse não-saber, falta essencial da estrutura, o pequeno grupo se opõe ao serviço de um líder, permitindo que as individualidades sobrevivam em seu seio.

Podemos ler essa identificação ao objeto que falta como a possibilidade de identificar-se um a um, ou, um com cada um, enquanto trabalha a partir do não saber de cada um para produzir um *plus* de saber. Lacan chamou essa identificação de *identificação por participação*, participação no desejo que anima o outro e, no caso da transferência de trabalho, participação na falta que anima esse desejo no outro.

Então: nem mimetismo, nem ritual. O cartel, desde o início, torna-se a via régia que permite a experiência, a multiplicação de uma nova forma de laço social entre os analistas, em torno da elaboração de saberes que, ainda que distintos, suportam na possível transmissão a exterioridade de um saber que se produz em seu seio. É um dispositivo, diria, simples, mas exigente, comprometido. Constituir um cartel não é qualquer coisa, porque o não-sabido, o saber em falta deve constituir o ponto de partida de um caminho que pode ser incômodo, intenso, inclusive excessivo.

A escolha do +Um é simplesmente só mais um, uma lembrança da estrutura. Significante a mais que marca a falta do significante a menos. O objeto (a) pode escrever muito bem esse ponto do grupo, encarnado pelo mais Um, com o qual cada um se identifica, como a causa do funcionamento desse laço peculiar, errante, que ama a solidão.

Lacan nunca propôs uma Escola formada por sujeitos identificados a algo concreto. Sempre propôs uma Escola formada por trabalhadores decididos a produzir uma elaboração sobre duas questões importantes: o que é a psicanálise – para tratar isso propôs o cartel – e o que é um psicanalista – para isso inventou o passe.

Bibliografia:

Lacan J. (1974-1975) *RSI*. Aula de 18/3/1975.

Lacan, J. (1974-1975) *RSI*. Aula de 10/12/ 1974.

e fazer justiça com as próprias mãos. Uma noite, chegam ao palácio, invadem sua casa e o matam em nome de Fuenteovejuna. No julgamento, quando o juiz pergunta quem matou o Comendador, o povo todo responde: “Fuenteovejuna, senhor”.

Soler, C. (2016) *O que faz laço?* São Paulo: Editora Escuta.

Quevedo, em *La Fortuna con seso y la hora de todos*, não propõe uma moral, mas de sua obra podemos tirar uma lição: não se deve difamar Fortuna, não se deve maldizer o real. A psicanálise aponta para isso. A Fortuna, boa ou má, é acontecimento. A Ocasião é outra coisa. Depende de algo exterior e da possibilidade de o sujeito agarrá-la em seu momento, lembrando sempre que é preciso agarrá-la pelo cabelo. Como por trás é calva, somente se aproveita a ocasião dando a cara, isto é, como decisão do sujeito.

4^{ta} mesa redonda: O desejo do analista, seu lugar

Este título se refere ao “Discurso à Escola Freudiana de Paris”, de dezembro de 1969, no qual se lê:

Assim, o desejo do psicanalista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído pra valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalisante. Não deixemos passar que descrever esse lugar num percurso de infinitivos, chamado “o inarticulável do desejo”, desejo, no entanto, articulado a partir do “sem saída” desses infinitivos, é algo do impossível com que me basto neste desvio” Outros Escritos, p.270.

Patricia Muñoz (ALN), Anaïs Bastide (Bélgica), Sandra Berta (Brasil), Nadine Cordova (França), María Jesús Diaz (Espanha), Camila Vidal (Espanha)

Coordenadora: Marie-José Latour (França)

Anaïs Bastide « O desejo do analista, seu lugar »

Nosso cartel trabalha sobre *O saber do psicanalista*, que data de 1971-1972. Até então, Lacan já havia falado muito do ser e do desejo do analista. Esses termos, nós não os encontramos nas entrevistas de Saint-Anne. O que é que ele acrescenta com essa expressão? Lacan afirmara, um pouco antes, que o inconsciente é o saber sem sujeito que cifra o gozo¹. Contudo, esse título não deixa de nos lembrar da ligação da psicanálise com a racionalidade. De fato, em seu *Discurso à EFP*, Lacan critica duramente a paixão de alguns pelo não saber. Ele reafirma que a questão para o psicanalista é justamente sobre “o que ele tem de saber”² e ele declina disso cinco ocorrências³. Todas concernem ao saber da estrutura. Embora esteja assegurado, esse saber está também limitado pela estrutura da linguagem. Assim, ao contrário do saber da ciência, sua perspectiva não é nem de poder, nem de progresso, mas antes de humildade. Portanto, esse saber que se coloca na teoria analítica, embora necessário para se poder operar como analista, não é suficiente porque deixa a questão: como, para cada analista em particular, esse saber vem em sua própria análise? É sob esse ângulo que eu abordo o tema proposto. Se admitimos que a análise deva operar uma mudança na relação do sujeito com o saber, uma questão inicial é: o que é o saber? Lacan faz um uso equívoco desse termo.

O discurso analítico se sustenta – ele insiste – sobre “essa fronteira sensível entre verdade e saber”⁴. Assim ele reformula a falha percebida no sujeito suposto saber, ou seja, a barra

1 Tese de “Radiofonia”. Lacan (1970), Outros Escritos, Rio de Janeiro: Zahar.2001.

2 Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Outros Escritos. *Op. Cit.* p. 254.

3 Castração, necessário da repetição, destino do gozo fálico, sintoma irreduzível, impossível da relação sexual. Lacan (1971-1972) “Ou pire, O saber do psicanalista.” Versão Staferla, lição de 04/11/1971.

4 Ibid. p.10.

colocada no lugar do Outro e a mudança que ela implica, tanto na relação com a verdade, quanto no saber real do inconsciente, esse “saber insabido”, gozado, que trabalha sozinho, que não determina o sujeito, e sim o objeto *a*. Esse objeto *a*, do qual Lacan formulou a pura consistência lógica, é, ao mesmo tempo, o que coordena a experiência de saber e o resto produzido enquanto refratário ao saber⁵. Do “saber vão de um ser que furta”⁶, de 67, ao “saber adquirido, mas de quem?”⁷, de 69, ao saber do impossível de 72, o acento se desloca.

De fato, se o desejo do analista implica um ser modificado por sua própria análise, esse desejo é imprevisível, então como cernir algo dele? Com a condição de que o analisante leve suficientemente longe a experiência, que ele a suporte e a afronte, algo pode emergir na análise que não estava lá de início. Acompanhando os diferentes usos de real e de semblante que Lacan faz do termo “saber”, sustentando as duas pontas do fio com essas palavras novas “*lalíngua*” e “matema”, que ele traz nessas entrevistas, o que emerge não é, possivelmente, um nó de saber, fruto do dizer da análise? Nó de um botão de saber⁸, do saber expresso da estrutura⁹ e do saber furado¹⁰ com seu toque de afeto enigmático. Um saber efeito, efeito do dispositivo analítico, e feito de uma experiência do inconsciente¹¹. Esse saber¹² do analista não é mais aquele a que recorriamos ou idealizávamos. Corolário da separação. Esse saber, poderíamos dizer que ele nos cai em cima? Em todo caso, em seu ponto de emergência, ele nos determina e nos ultrapassa, e enquanto amarração, ele nos engaja. Quanto às consequências, estão a (sem acento) ver... como quando dizemos “a seguir”, já que esse saber, ele não se calcula.

Sandra Berta, Buscar algo novo

A proposta desta mesa é acorde com o que trabalhamos no cartel pois ela nos propõe um trecho do Discurso à EFP, texto institucional e crítico da psicanálise destinado aos membros da Escola, dentre os quais alguns teriam criticado a Proposição e texto que desenvolve os referentes estruturais do final de análise.

O desejo do psicanalista e o ato analítico, isso interessa ao cartel que constituímos, escolhendo como tema: o que nos ensina sobre o passe nossa Escola nos últimos 20 anos¹. Nos

5 Tese de “O ato psicanalítico, resumo do seminário de 1967-1968”, retomado por Lacan em “O saber do psicanalista”.

6 Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Outros escritos. *Op. Cit.* p. 260.

7 Lacan (1969), “O ato psicanalítico, resumo do seminário de 1967-1968”, Outros Escritos. *Op.Cit.* p. 372.

8 Saber inconsciente que não é apenas significante gozado, mas significante encarnado, passado ao real do gozo.

9 A partir do momento em que o botão de saber inconsciente (que, enquanto tal, não tem verdade) é espremido (no sentido dermatológico) pelo sujeito, seu conteúdo de verdade se evacua, resta então a articulação significante que o abriga, ou seja, o saber da verdade. É a questão do saber articulado do real da estrutura extraído do saber próprio elucubrado.

10 Saber inconsciente irreduzível, saber de *lalíngua*; o surpreendente, nos diz Lacan, é que esse “saber insabido (...) na psicanálise (...) se articula, é estruturado como uma linguagem. Lacan (1971-1972), *Op.Cit.* p.15.

11 Uma coisa, me parece, é entrar no passe pela destituição subjetiva com suas comprovações - destituição programada pelo dispositivo analítico e à qual toda análise conduz - e outra coisa é apreender daí uma formulação de saber própria.

12 No original: *çavoir*, onde se lê “isso ver”, ou mesmo uma mistura de *savoir* (saber) e *ça* (isso). (Nota da tradução).

¹ A Escola à luz dos testemunhos dos Analistas da Escola. Alejandro Rostagnotto apresentou nosso primeiro tempo de trabalho na 1ra média Jornada dos Cartéis de Escola, do 5 de fevereiro de 2022.

testemunhos que lemos até hoje, o tempo do final de análise é o pivô do elaborado pelos AE. Tempo da queda do SsS (1967) e do que resta no luto do final.

No mesmo dia em que Lacan lera esse Discurso na EFP, ele disse no seu Seminário: “é suficiente delinear a via da sua saída para que se entre aí mesmo sem pensar nisso, é que afinal, a melhor maneira de voltar a entrar, de certo modo, é sair de vez”². Topologia que serve para formalizar os paradoxos nos quais se resolve a continuidade da fantasia pelo descontínuo do ato no qual o sujeito não está aí. No seu Discurso, na frase que nos convoca, isso se assinala pelo infinitivo do verbo que diz do inarticulável do desejo (assim definido por Lacan desde sempre) mas de um desejo que, finalmente, é articulado pela homofonia equívoca do *sens-issue*³. ¿Será esse desejo articulado aquilo que refere ao desejo do analista?

No Discurso também escreve: “é de outro lugar, unicamente do ato psicanalítico, que é preciso situar o que articulo como *desejo do psicanalista*”⁴ O ato (psicanalítico) não representa o sujeito, é uma contingência que está em ruptura com o que se supunha corresponder e responder - na via psicanalisante - ao desejo do Outro. Essa via que poderia ser infinita se suspende porque algo novo se produz. Algo que afeta, transforma e deforma o sintoma de entrada que no percurso de uma análise já teria sido metamorfoseado o reduzido a sua mínima expressão naquilo que refere a seu gozo. Porém, além disso, Lacan pretendia que esse ato e seus efeitos tivessem consequências no laço social, ou seja, na sua Escola.

A questão será se estar de foras em pensar nele pode ser transmitida pelas modificações e pela metamorfose do sintoma ou se aquilo que se transmite é algo novo, inusitado no percurso, nos rodeios do final da análise e em seu *sans-sens issue*.

Algo novo por vezes se lê no que se transmite. Ou pelo menos é algo que no cartel procuramos nos testemunhos escritos. Algo que se lê como novo. O mínimo aporte poderia ser índice do não predicável do desejo do analista. Aí se aloja o paradoxo do final e o paradoxo do dizer do impossível a se dizer. Esses pequenos aportes contrabandeam a diferença daquilo que é o “fazer” de uma prática com respeito ao que é sustentação do um ato que, embora dependa da certeza, periga fugir, escapular, deixando para atrás o “em potência” que o define.

¹ Lacan, J. Seminário 15: O ato psicanalítico, 6 de dezembro de 1967.

² Lacan, J. Seminário 15: O ato psicanalítico, 6 de dezembro de 1967.

³ sem-saída (*sans issue*) / sentido saída (*sens-issue*)

⁴ Lacan, J. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, p. 276.

Nadine Cordova: O lugar do laço¹ (*boucle*)

Nosso cartel se constituiu em torno do título “Término da análise, leituras da Escola”. Foi a partir de alguns textos escolhidos na *Wunsch* e em Lacan que nós decidimos abordar esse tema. Mas rapidamente nos orientamos na direção da brecha que existe entre a passagem a analista e o fim de uma análise.

Pareceu-nos pertinente pensar *término*² no plural para destacar não apenas a variedade dessas passagens e desses fins - variedade da qual a experiência testemunha - mas também nossos diferentes pontos de vista sobre o assunto. Ora, relendo a *Proposição de 1967*, eu percebi que Lacan fazia corresponder o término da psicanálise com a passagem a analista³ e escrevia *término* no singular. Pareceu-me interessante apoiar-me nessa correspondência para dizer algo sobre o desejo do psicanalista, seu lugar.

Até então, eu associava o termo *lugar* ao Outro, lugar de um tesouro. Lembremo-nos que Lacan escreve o processo da subjetivação a partir de uma dada operação matemática que assinala a separação e que não fica justa, é justamente isso que me causa e que causa fora do sujeito; é um objeto que cai dessa operação, nós sabemos. A divisão assim enlaçada (*bouclée*) tem por efeito que o desejo do homem seja o desejo do Outro, um lugar sobretudo furado.

Lacan localiza o desejo do psicanalista precisamente no lugar da queda, do dejetivo, lá onde isso testemunha o furo do tesouro, lá onde isso está enlaçado, lá onde isso causa desejo. O psicanalista se dispõe, portanto, para alguns outros que estão em busca de sua verdade, a ocupar esse lugar enlaçando essa verdade, enlaçando o bla bla bla para significar que é do lado do objeto que isso se passa, seu desejo.

Por esse posicionamento, o artifício do dispositivo faz experimentar à força voltas e reviravoltas ao sujeito analisante, que demanda incansavelmente a resposta do Outro, os efeitos da operação, eu diria, seu mecanismo. E aí ele pode ter a sorte de um encontro destinado: o encontro com um traço de fração, *eu*, efeito do significante, vacila no sentido... isso acontece, *eu* o enlaço; passagem a...

É nesse lugar temporal onde se atua a questão de uma análise. Em ato, o desejo do analista se situa nesse lugar onde a fala analisante sofre um corte. A operação analítica está enlaçada. Nesse *lugar do laço* se apresenta simplesmente um desejo; o sujeito escolherá ou não se assentar nele, lá de onde, para alguns, ele também vai cair.

Apesar das variações nos tratamentos, podemos acompanhar Lacan, o término da análise se situa bem no momento onde se passa desse lugar, já que é uma passagem ao singular sem retorno.

Há apenas um resto, um lugar a se deixar para sempre, uma porta a se cruzar. O fim concerne, dessa vez, à separação de um outro corpo à maior ou menor distância dessa passagem-término da análise.

Pensar a psicanálise é tentar abrir essas questões em outro lugar.

¹ NT: optou-se por traduzir *boucle* (no original) por laço e enlaçamento. Duas acepções possíveis em português.

² Termo que Lacan pegou de Balint.

³ Lacan. *Outros Escritos*. p.257. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

Maria Jesus Diaz: Uma aproximação ao desejo do analista

Para mim, a psicanálise é uma experiência, uma experiência do inconsciente que leva consigo uma posição ética, e ao longo dessa experiência ficou evidente para mim que nem a neutralidade analítica freudiana nem a via identificatória eram suficientes para me tornar analista, posto que com isso a clínica não funcionava para mim.

A falta de resultados e/ou fracassos me levaram prontamente a interrogar-me: qual seria a posição singular necessária àquele que se estabelece como analista, para que permita que exista uma psicanálise? Como alguém se torna analista? Dito de outra maneira, o que faz com que esse que se estabelece opere de maneira correta e com seu ato permita surgir o inconsciente? Qual seria a mola que torna isso possível?

Essa pergunta me levou à noção lacaniana de desejo do analista, conceito enigmático e complexo que seria o que funcionaria como operador. Mas, o que é esse desejo especial? Como se produz?

Lacan, no primeiro capítulo do Seminário XI (1964), pergunta: “O que há de ser do desejo do analista para que ele opere de maneira correta?”¹. E, ao longo desse Seminário, vai situando os elementos fundamentais para pensar a posição do analista, e diz: “deve saber em torno do quê o movimento gira”², e no último capítulo sustenta que “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta”³.

Essa seria a primeira aproximação ao conceito; posteriormente há um desenvolvimento em seu ensino ao redor desse, e formaliza-o na Proposição de 67 e no Discurso na EFP.

Na Proposição de 67 se pode “ler”, como resume Miller, “torna-se um analista falando com propriedade, com algo extraído de sua própria análise”⁴.

No Discurso na Escola Freudiana de Paris, de 1969, precisa: “unicamente do ato analítico, que é preciso situar o que articulo sobre o ‘desejo do psicanalista’, que nada tem a ver com o desejo de ser psicanalista”⁵. E também, no Seminário “O ato psicanalítico”, que “o ato acontece por um dizer, mas com a condição de que o sujeito seja modificado, que haja outro depois do ato”. Ademais, nesse Discurso na Escola, Lacan expõe: “Assim, o desejo do psicanalista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontra-se é ter saído para valer, ou seja, não ter tomado essa saída a não ser como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalisante.”⁶

Após esse breve percurso através desses textos e alguns outros, creio entender que, somente como produto de sua própria experiência, SE PODE tornar-se analista, desde que o analisante, por efeito dessa experiência, tenha efetuado transformações e modificações que lhe permitam, quando atua como analista, manter seu desejo como lugar vazio e, desse modo, prestar-se a uma função desejante, para que assim o desejo inconsciente do sujeito que chega à sua consulta possa ser localizado e emergir. Para isso, o analista, em sua experiência analisante, há de ter extraído um saber sobre si mesmo e um desejo de saber, mas não qualquer desejo de saber, e sim um desejo de saber sobre a causa, sobre o que perfura e instaura o vazio e ao mesmo tempo inscreve a pura diferença, a linguagem.

¹ Lacan, J O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 17.

² Ibid, p. 218.

³ Ibid, p. 260

⁴ Miller. J.-A. El Banquete de los analistas, Cap. X. Paidós: Buenos Aires, 2000, P. 186. (Tradução livre, texto inédito em português - N.T.).

⁵ Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 276.

⁶ Ibid., p. 270.

Patricia Muñoz: Aporias do desejo do analista

No texto de Dominique Fingermann, A (de)formação do analista, que estamos trabalhando em nosso cartel, ela diz: “O analista não opera a partir do senso comum, mas a partir do ponto fora do comum que causa a sua distinção: eis a deformação necessária a sua posição”¹, de-formação continuada, já que está permanentemente à prova.

Quando fazemos a pergunta sobre o desejo do analista, podemos dizer que é um operador que permite uma função, a qual tem a ver com a possibilidade do ato psicanalítico. Ademais, há ali um real em jogo que provoca seu próprio desconhecimento, até mesmo sua negação sistemática, como nos recorda Lacan².

Já que esse desejo do psicanalista pode surgir como um encontro, Lacan, na *Proposição do passe* de 1967, nos traz como exemplo Cantor e seu encontro com os números transfinitos, e diz: “É útil pensar na aventura de um Cantor, em que se situa o desejo do psicanalista”³. Logo adiante, em *O engano do sujeito suposto saber*, volta a referir-se a Cantor, mas desta vez no sentido desse inconsciente real sem sujeito. Ele nos diz: “o saber que só se revela no engano do sujeito, qual pode realmente ser o sujeito que o sabe de antemão?”⁴. Nesse lugar surge um saber que pode ser encontrado, graças ao desejo do psicanalista e seu ato.

Por sua vez, Lacan também nos diz, na *Direção do tratamento*, que é sem dúvida na relação com o ser que o analista deve encontrar seu nível operatório. Sua tarefa é o ato psicanalítico, mas esse ato, Lacan o funda em uma estrutura paradoxal, pois “nela o objeto é ativo e o sujeito, subvertido”⁵, razão pela qual se refere a uma aporia do ato psicanalítico.

Como sabemos, o desejo é inarticulável, articulado, no entanto, pelo sem saída desses infinitivos, o impossível. Infinitivos que, como sabemos, não têm a ver com o tempo nem com sujeito algum. Diz, então, Lacan:

Assim, o desejo do psicanalista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído para valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalisante. Não deixemos passar que descrever esse lugar num percurso de infinitivos, chamado “o inarticulável do desejo”, desejo, no entanto, articulado a partir do “sem saída” [jogo homofônico que existe em francês entre *sans issue*/sem saída e *sens-issue*/sentido-saída – N.T.⁶] desses infinitivos, é algo do impossível com que me basto nesse desvio.⁷

Lugar topológico no espaço tempo da cura, que nos é ilustrado também com a metáfora da porta basculante e com o objeto *a* como dobradiça. Nada assegura que se possa manter-se no lugar de analista, se passa passando o passe, nos diz Lacan, passando de analisante a analista e outra vez a analisante. Do mesmo modo, alerta aos psicanalistas que, se pensam sobre a

¹Fingermann, D. A (de)formação do analista: as condições do ato psicanalítico, São Paulo: Escuta, 2016, p. 22.

² Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 249.

³ Ibid, p. 255.

⁴ Lacan, J. O engano do sujeito suposto saber, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.337.

⁵ Ibid, p. 332.

⁶ Essa nota do tradutor não consta da edição dos Outros Escritos em português, mas foi mantida em respeito à versão original do presente trabalho (N.T.).

⁷ Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 270.

experiência, saem desse lugar, posto que esse passe é como o mar: “deve ser sempre recomeçado”⁸

É devido a tudo isso – se o analista somente se autoriza de si mesmo, ainda que muitas vezes seja sem saber que o faz, sem saber em que está se metendo⁹, por que alguém deseja ocupar esse lugar de analista? – que creio que não se pensa muito nas consequências de ocupá-lo. Pergunto-me, ademais, se é uma decisão consciente ou se é algo que se lhe impõe, já que, apesar de sua condição de inominável e inarticulável, é, no entanto, o que pode tornar possível que haja análise para outros.

Camila Vidal: Desejo do analista

Lacan nos lembra do impossível da operação analítica. A demanda de tratament¹o tem apenas uma saída séria que é o seu retorno à porta de entrada. Daí a importância clínica da entrada em análise e do sintoma cingido nela.

Sintoma e *sinthome* enodados no percurso analítico, onde não se trata unicamente do reconhecimento do impossível da resolução do sintoma, mas do tempo necessário para lidar com isso, encontrando aí mesmo a solução impossível: saber como se virar. Esta é a via psicanalisante.

O desejo do psicanalista requer um passo mais, é o "sem pensar" do "estar fora sem pensar nisso", daí a advertência de que uma análise é necessária, mas não suficiente para produzir um analista.

Na segunda parte, Lacan nos explica qual é a condição de possibilidade desse "sem pensar".

Remete-nos à pulsão, a esse percurso de infinitivos, único tempo verbal sem sujeito, pulsão acéfala, onde o sujeito não tem lugar e único também onde se pode, portanto, eventualmente, estar fora sem pensar.

Desejo inarticulável, mas, no entanto, articulado (sem sentido, sem saída) à pulsão onde o que se joga não é nenhuma falta, mas o impossível dessa posição mesma.

Um desejo articulado, mas do lugar do Outro, [Lacan] nos adverte a seguir, desse Outro que não existe, marcando bem o impossível que a própria alienação, na qual o sujeito se constitui, se instaura, impedindo qualquer tipo de resolução - como nos explica em "A lógica da fantasia", onde nos diz que a alienação não escreve o fato de que somos assujeitados aos significantes do Outro, não quer dizer que nos submetamos ao Outro e que, conseqüentemente, a separação seria a libertação dessa dependência. Esta é a errância, afirma Lacan. A verdadeira dificuldade é que esse Outro está marcado por uma barra, falta nele um significante, nenhuma separação poderá vir a mitigar essa primeira falha, a apagar essa marca e qualquer articulação do lugar desse outro barrado sempre mostrará sua profunda inconsistência pelo impossível que comporta.

Esse lugar reservado ao analista, esse estar fora sem pensar nisso, não é um lugar facilmente habitável porque supõe uma dupla impossibilidade, a do desejo e a da pulsão. Não se trata de um sujeito confrontado com seu próprio impossível (via do psicanalisante), mas do próprio impossível funcionando no vazio que a ausência do sujeito, que a ausência de pensamento, conforma, um vazio feito objeto.

⁸ Lacan, J O ato psicanalítico, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 372.

⁹ Conferência em Genebra sobre o sintoma. Lacan nos diz: “Comecei... muito bestamente.” (inédito em português).

¹ A autora faz referência ao recorte do texto *Discurso à Escola Freudiana de Paris* (Outros Escritos, p.270) que foi referência para os trabalhos da quarta mesa na qual este trabalho foi apresentado.

É a estrutura que permite o posicionamento do analista fora da posição subjetiva, fora do pensar.

É nesta conjuntura que pode surgir, eventualmente também, o ato analítico.

Não se trata de permanecer na Névoa, escrevi em relação ao testemunho do meu passe, mas simplesmente de estar aí, separado dela, essa é a posição analítica. Em termos freudianos, não é nada além da atenção flutuante. Névoa de escuta de palavras separada dessa escuta.

O sintoma é substituível, mas não redutível em um tratamento; e, nessa direção, o psicanalista habita uma posição impossível, só se habita "ser analista" fora de tentar sua existência na subjetividade; daí a importância do dispositivo do Passe para uma Escola na aposta de fazer surgir uma transmissão fora das subjetividades que possam surgir.

Concluir... convidando a continuar

Maria de los Angeles Gómez (Porto Rico)

Depois de ter escutado as ricas e fecundas reflexões nesta segunda Jornada de trabalho de cartéis de Escola intercontinentais e bilíngues do CAOÉ, tenho a honra de dar umas pinceladas finais, a título de encerramento. A aposta era **Pensar a psicanálise em e desde os cartéis de Escola**, recolhendo trabalhos realizados no seio dos cartéis depois de quase dois anos de ter sido lançada a proposta do CAOÉ. Esta Jornada deu conta da vitalidade desta proposta que permitiu tecer laços de trabalho e colaboração, com mais de 20 cartéis declarados e em funcionamento atualmente. Assim escutamos elaborações de cartelizantes das Américas (América Latina Norte, América Latina Sul e Argentina) e da Europa (Espanha e França). O público, além disso, foi ótimo! Em um certo momento havia mais de 180 pessoas participando e, ao terminar, quase 150.

A reflexão sobre os efeitos do passe na psicanálise em intensão, sobre a Escola e a psicanálise em extensão orientou os trabalhos das três primeiras mesas. Na abertura, Colette Soler formulou três perguntas: Como precisá-los não só nas expectativas analisantes mas também em relação ao ato e ao desejo que ese ato supõe? Como o dispositivo do passe permite sustentar a diferença entre a Escola, os fóruns e outros grupos quaisquer? Como a psicanálise se coloca no discurso da época com seu real próprio que não é o real de cada um, mas o real da ciência? Depois veio o momento de uma mesa redonda que trabalhou o o tema do desejo do analista, seu lugar, a partir de um fragmento do Discurso de Lacan na Escola Freudiana de Paris em 1969. O rigor de cada apresentação e as perguntas que geraram nos deixaram com a possibilidade de segui-las trabalhando nos cartéis existentes e talvez em outros que possam ir se configurando nos próximos tempos. Essa é a aposta. *Les feuilles volantes*, folhas soltas, recolherão os trabalhos.

Concluir remete etimologicamente ao ato de deter-se e declarar que algo terminou. Nos detemos então hoje, mas seguiremos sem dúvida em nossos cartéis “Pensando a psicanálise e o passe em seus efeitos de intensão, extensão e sobre a Escola”. Muito obrigada a Lucile Cognard pela organização, à equipe de tradutores, obviamente a cada um dos cartelizantes que expôs suas reflexões e seu trabalho, a todos e a cada um de vocês por sustentar essa aposta de trabalho em nossa Escola.

CATÁLOGO DOS CARTÊIS DE ESCOLA DO CAOE INTERCONTINENTAIS E BILINGUES

1. Cartel – Tema: *Wunsch*: O que os 20 anos do passe na EPFCL nos ensinam? (8 de maio de 2021).

Mais-um: Alejandro Rostagnotto - rostagnotto@gmail.com

Patricia Zarowsky - p.zarowsky@wanadoo.fr

Sol Aparicio - sol.aparicio@orange.fr

Camila Vidal - camilavidal@hotmail.com

Sandra Berta - bertas@uol.com.br

2. Cartel – Tema: Fim e fins da análise (9 de maio de 2021)

Mais-um: Ana Alonso - alonso.an@gmail.com

Roser Casalprim - rcasalpr@copc.cat

Marta Casero - gautami@telecable.es

Adriana Grosman - drigros@mc.com

Kelly Vargas - kelly.vargasgarcia@gmail.com

3. Cartel – Tema: Quando tudo o que resta são palavras (23 de maio de 2021)

Mais-um: Pedro Pablo Arévalo - pp_arevalo@yahoo.com

Blanca Sánchez Gimeno - blancasanchez@telecable.es

Ramon Miralpeix - miralpeix@copc.cat

Andrea Brunetto - brunetto@terra.com.br

Silvana Pessoa - silvanapessoa@uol.com.br

4. Cartel – Tema: Retorno à função da palavra (23 de maio de 2021)

Mais-um: Matilde Pelegrí - matilde.pelegrí@gmail.com

Pedro Pablo Arévalo - pp_arevalo@yahoo.com

Anna Gasull - agasull@copc.cat

Katia Botelho - katiabotelho79@gmail.com

Jorge Escobar - jorgee@une.net.co

5. Cartel – Tema: A (de)formação do analista (23 de maio de 2021)

Mais-um: Ida Freitas - idafreitas55@gmail.com

Pedro Pablo Arévalo - pp_arevalo@yahoo.com

Adriana Grosman - drigros@uol.com.br

Andréa Franco Milagres - andreamilagres@gmail.com

Patricia Muñoz - patriciamunozdef@gmail.com

6. Cartel – Tema: finalização da análise, leituras da Escola (4 de junho de 2021)

Mais-um: Luciana Guarreschi - guarreschi.lu@gmail.com

Nadine Cordova - cordovavi.nadine@gmail.com

Patrick Barillot - pbarillotepfcl@gmail.com

Patricia Gavilanes - patricia.gavilanes@wanadoo.fr

Monica Palacio - momapaco@hotmail.com

7. Cartel – Tema: O desejo do analista (5 de junho de 2021)

Mais-um: **Victoria Torres** - victoriaistorres@gmail.com
Beatriz Helena Martins de Almeida - almeidabia@gmail.com
Claudia Domínguez - claudiadominguez@libero.it
Matilde Pelegrí - matilde.pelegri@gmail.com
Viviana Gómez - licvgomez@gmail.com

8. Cartel – Tema: fim da análise, finalidade da análise (9 de junho de 2021)

Mais-um: Pastora Rivera - pastora.rivera@gmail.com

Jorge Chapuis - chapis@telefonica.net

Fernanda Zacharewicz - fzacharewicz@yahoo.com

Carmen Nieto - carmen.nieto.centeno@gmail.com

Robson Mello - psicmello@uol.com.br

Mais-um: Pastora Rivera - pastora.rivera@gmail.com

9. Cartel – Tema: Efeitos do passe sobre a psicanálise em intensão (14 de junho de 2021)

Mais-um: **Bernard Toboul** - brtb@hotmail.fr

Chantal Degril - chantal@lindisriver.co.nz

Matias Laje - matiaslaje@gmail.com

Leonardo Pimentel - leonardoptl@gmail.com

Agnès Metton - agnes.metton@wanadoo.fr

Marc Strauss - strauss.m@wanadoo.fr

10. Cartel – Tema: le savoir du psychanalyste / el saber del psicoanalista / o saber do psicoanalista (18 de junho 2021)

Mais-um: Dominique Touchon Fingermann - dfingermann@gmail.com

Carole Leymarie - leymariecarole@yahoo.fr

Kristele Nonnet-Pavois - k.nonnet@hotmail.fr

Julietta de Battista - julietadebattista@gmail.com

Anais Bastide - nais.bastide@laposte.net

Bárbara Shuman - Babashuman1123@gmail.com

11. Cartel – Tema: Transmission / Transmisión / Transmissão (18 de junho 2021)

Mais-um: Dominique Touchon Fingermann - dfingermann@gmail.com

Beatriz Oliveira – biaoliv@uol.com.br

Beatriz Maya - belemare@gmail.com

Eliane Pamart - eliane.pamart@orange.fr

Tatiana Assadi - tatiassadi@uol.com.br

12. Cartel – Tema: Não há extensão sem intensão (21 de junho 2021)

Mais-um: **Trinidad Sánchez-Biezma de Lander** - mtlander@hotmail.com

María Jesús Díaz - mjdiazg6@gmail.com

Carmen Lafuente - clafuenteballe@gmail.com

Beatriz Maya - belemare@une.net.co

Andrea Franco Milagres - andreamilagres@gmail.com

13. Cartel – Tema: Fins de análise (21 juin 2021)

Mais-um: **Mikel Plazaola** - mplazaolacloud@me.com

María Laura Cury - mlcsilvestre@uol.com.br

María Luisa Rodríguez - mlrmarialuisarodriguez@gmail.com

Rebeca García Sanz - rebegarciasanz@gmail.com
Tereko Zaballa Ramos - terekozaballa@gmail.com
Juan del Pozo Garicano - jidelpozo@telefonica.net

14. Cartel – Tema: fonction du dire – função do dizer - función del decir (21 de junho 2021)

Mais-um: Dominique Touchon Fingermann - dfingermann@gmail.com
Christophe Charles - christophe.charles4@wanadoo.fr
Andrea Fernandez - ahfernandes03@gmail.com
Bruno Geneste - bruno.geneste@gmail.com
Gláucia Nagem de Souza - glauCIA.nagem@uol.com.br
Rithée Cevasco - ritcev@yahoo.fr

15. Cartel – Tema: A nova tirania do saber (23 de junho 2021) – Membros do LIPP

Mais-um: David Bernard - dabernard2@yahoo.fr
Sara Rodowicz Slusarczyk - sara.rodowicz.slusarczyk@gmail.com
Cora Aguerre - coraguerre@gmail.com
Vera Pollo - verapollo8@gmail.com
Philippe Madet - philippe.madet@gmail.com

16. Cartel – Tema: Que faire de la passe - Que-hacer del pase – o que fazer do passe (18 de junho 2021)

Mais-um: Vicky Estevez - vickyestevéz@free.fr
María de los Ángeles Gómez - mgomez.caribe@gmail.com
Rosa Escapa - rosaescapa@gmail.com
Sophie Rolland-Manas - sophie.rolland@dbmail.com
Maria Antonieta Izaguirre - maria_izaguirre@yahoo.com

17. Cartel – Tema: O fim de análise (12 de agosto 2021)

Marina Severini - marinaseverini3@gmail.com
Clara Cecilia Mesa - claraceciliamesa@gmail.com
Viviana Gomez - licvgomez@gmail.com
Silvia Quesada - sgquesada@hotmail.com
Annalisa Buccioli - annalisa.buccioli180@gmail.com

18. Cartel – Tema: Colocando a noção de *lalíngua* em perspectiva com os outros níveis da linguagem inconsciente. Questionamento sobre sua conceituação e seus efeitos nas curas. (4 de setembro de 2021)

Mais-um: Zehra ERYÖRÜK - zehra.eryoruk1@gmail.com
Léla CHICKANI - lela.chikhani.mail@gmail.com
Gabriel LOMBARDI, gabrielombardi@gmail.com
Ana Laura PRATES, apratespacheco@gmail.com
Bernard TOBOUL, brtb@hotmail.fr

19. Cartel – Tema: O cartel como lugar e experiência de uma transferência de trabalho internacional (14 de outubro de 2021)

Mais-um: Coralie Vankerkhoven - coralie_vkk@yahoo.com
Esther Morere Diderot – e_diderot@hotmail.com
Ali Tissnaoui – ali.tissnaoui@gmail.com
Sheila Skitnevsky Finger – skitfinger@gmail.com

Miriam Ximenes Pinho-Fuse – miriampinho@yahoo.com

20. Cartel – Tema: O a-efeito (7 novembro 2021)

Mais-um: Cecilia Randich - cecilia.randich@gmail.com
Adriana Bruschi - adribruschi@gmail.com
Alejandra Noguera - alejandranoguera41@hotmail.com
Célia Fiamighi - celia.fiamighi@uol.com.br
Ivan Viganò - ivan.vigano@gmail.com

21. Cartel – Tema: O analista como produto da análise e seu laço com a Escola (em torno da “Nota Italiana” e do comentário de Colette Soler) (27 de janeiro 2022)

Mais-um: Diego Mautino - studio@diegomautino.191.it
Lia Silveira - silveiralia@gmail.com
Claire Parada claireparada@gmail.com
Chico Paiva chicopf@yahoo.com.br
Kristèle Nonnet-Pavois k.nonnet@hotmail.fr

22. Cartel – Tema: O corpo no final (3 de fevereiro 2022)

Mais-um: Gabriela Zorzutti gabrielazorzutti@gmail.com
Dyhalma Ávila López dnavila@psicoa.com
Liora Stavchansky liorastavchansky@gmail.com
Gabriela Costardi gabicostardi@hotmail.com

23. Cartel – Tema: Fim de análise (16 de março 2022)

Mais-um: Margarita Santiso – msantiso@copc.cat
Pedro Alvarez pedroalvareznit@gmail.com
Marcia de Assis marcia.assis@gmail.com
Isidre Bosch iboschva@copc.cat
Roseli Rodella de Oliveira rrodella@gmail.com

24. Cartel – Tema: Corpus (20 de março 2022)

Mais-um: Ida Batista de Freitas : idafreitas55@gmail.com
Esther Jiménez: esther.jgarriga@gmail.com
Alejandro Rostagnotto : alejandro.javier.rostagnotto@unc.edu.ar ; rostagnotto@gmail.com
Franc Estevez Roca : francestevezz@hotmail.com
Maria Cláudia Formigoni : mclaudiaformigoni@gmail.com

25. -Cartel-Tema: Línguas e psicanálise (17 de julho 2022)

Mais-uno Lidia Hualde hualde-tapia.lidia@orange.fr
Maricela Sulbaran : maricelasulbaran.@yahoo.fr
Francisco José Santos Garrido: fransantosg@yahoo.es
María Angeles Gómez: mgomez.caribe@gmail.com
Beatriz Elena Zuluaga Jaramillo: beatrizelenazuluagaj@gmail.com

TERCEIRA CARTA DE APRESENTAÇÃO DOS CARTÉIS INTERCONTINENTAIS E BILINGUES

Para recordar

DO CAO E 2021-2022

Aos membros de Escola

Querido(a)s colegas,

Esta é nossa terceira mensagem concernente ao projeto de uma rede de cartéis internacionais. Ela vem após as diversas questões que os três dispositivos atuais da garantia nos endereçaram e que nos levaram a recordar e precisar as disposições já apresentadas.

Estes cartéis serão intercontinentais e bilíngues. Esta é sua definição. Eles reunirão, portanto, os membros de Escola de dois continentes diferentes, que falem ao menos duas línguas distintas. O objetivo sendo o de favorecer, como já dissemos, laços novos e múltiplos para o trabalho sobre a psicanálise em intensão não somente no nível das instâncias internacionais e nacionais onde este já existe, mas na base da Escola, engajando aí o conjunto dos membros de Escola que ainda não participaram das instâncias de direção. Estes encontrarão nesta rede um espaço onde seus trabalhos poderão encontrar uma nova ressonância, eventualmente via um boletim, jornadas, intercartéis e outras formas a serem inventadas, etc.

Dessa forma, esperamos ganhar mais nitidez na distinção entre o que é trabalho de Fórum e trabalho de Escola – distinção que é constitutiva de nosso conjunto desde a origem e que corresponde a dois modos de admissão diferentes, cada um com seus próprios critérios que não cessam de estar em debate desde o início da Escola e que merecem ser questionadas com o passar do tempo.

Além disso, como já dissemos, para que o trabalho seja possível, em cada cartel será falada uma só língua o que supõe, precisemo-lo, que os membros do cartel tenham em comum qualquer uma das cinco línguas de nossa comunidade, aquelas dentre as quais lhes endereçamos esta mensagem. Estes cartéis serão então bilíngues por sua composição - seus membros falando duas línguas diferentes como já dito - mas não se falará necessariamente uma destas duas línguas: de acordo com o caso o trabalho poderá se fazer em qualquer uma de nossas cinco línguas como inglês, espanhol, francês, italiano ou português.

Último ponto: para o lançamento destes cartéis havíamos indicado que solicitaríamos aos membros das instâncias locais ou internacionais, supondo que estariam diretamente

concernidos pela iniciativa. No entanto, isso não era para que estes fizessem cartel entre eles, mas ao contrário, para incentivá-los a chamarem os membros de Escola que não conhecessem ainda. Além disso, sabemos por experiência que as diferenças entre os membros de um cartel, seja pela idade, formação ou cultura, são um « a mais » que estimula o trabalho.

Enfim, sem dúvida algumas questões vão se colocar ainda. Assim, está previsto que, em breve, cada membro do CAOÉ reúna por zoom os membros de Escola de sua zona, para recolher as questões em suspenso, elaborá-las e, em seguida, permitir que esta rede tenha início o quanto antes.

Com nossa cordiais saudações,
O CAOÉ 2021/2022

Julieta De Battista, pela América Latina Sul
Sandra Berta (secretária) pelo Brasil
Mikel Plazaola, pela Espanha
Colette Soler (secretária) pela França
María de los A. Gómez (ALN) pela América Latina Norte (Porto Rico)
Maria Teresa Maiocchi, pela Itália-FPL